

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

O tema deste editorial coincide com o slogan disseminado nas páginas de «O Novo Fangueiro»: «Faça as compras na sua terra».

Os fangueiros não são de modo algum gente de negócios, um tanto por minguia de vocação, outro tanto porque os residentes locais não ajudam nem estimulam esse mesmo comércio. Vem de longe, vem dos tempos em que na terra

EDITORIAL

não havia mais do que três ou quatro mercearias, o costume de os habitantes de Fão, quando necessitavam de algo que ultrapassasse o consumo do quotidiano, se meterem na carreira e irem de longada até ao Porto, a Barcelos ou à Póvoa para aí fazerem as suas compras. O dia era para a romaria e a par das compras lá ia um almoço no Leonardo ou na

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

José Soares Madureira

Como em outro local referimos, os habitantes de Fão não revelaram nunca uma notável propensão para os negócios. Lá que se julguem mais espertos que os vizinhos, isso é outra coisa. O certo é, porém, que a terra fangueira apresenta, ou antes, diferencia-se em relação às suas congéneres por um certo ar citadino que a totalidade das outras freguesias não possui. Mas se os fangueiros não são comerciantes por natureza, se no sector da indústria não revelam notoriedade, de onde surgiu o capital bastante para embelezar a vila e, de um modo especial, o cemitério?

Creemos que de um certo espírito aventureirista que os lançou através

dos tempos em demanda do mar e de zonas que o oceano banha como por exemplo o Brasil. Com efeito o Brasil assenhorou muitas famílias e, bem vistas as coisas, foi através do seu capital que se levantou o edifício hospitalar, que foi construída a Cantina, que se criaram os Bombeiros, o Clube Fão-



INFANTÁRIO-CRECHE em Fão

No dia 25 de Novembro realizou-se uma assembleia extraordinária dos irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Fão para se tratar especialmente do problema do Infantário.

O Provedor, Celestino Morais, informou os presentes que de momento se perdeu a verba que o C. Regional de Braga tinha, orçamentada para o Infantário de Fão, devido a morosidades do processo.

No entanto o orçamento de 1986 voltaria a incluir uma nova verba destinada ao Infantário - Creche de Fão. O Estado cobrirá 60% do total das despesas.

Com essa promessa-certeza a Mesa do Hospital pretende iniciar a 1.ª fase de obras, ou seja o lançamento das estruturas, já no próximo mês de Maio. Antes não por causa das chuvas.

O complemento para a comparticipação restante pensa a Mesa recebê-lo, quer da Câmara, quer da Junta. Da Câmara porque esta entidade administrativa comprometeu-se com o Centro de Braga a comparticipar inicialmente as obras com 50% do total do custo. É certo que tempos depois a Câmara veio a denunciar esse contrato, mediante a incumbência de abrir o ensino pré-

-primário em Fão nas escolas Amorim Campos. A Junta por sua vez comprometeu-se publicamente a subsidiar o infantário, querendo provar assim que não haveria colisão entre os dois projectos: infantário/ensino pré-primário.

O terreno, tanto quanto nos é dado saber, vai ser aquele que já foi posto à disposição do Hospital pela Câmara: uma fatia do recreio das Escolas Santa Bárbara.

Continuamos a insistir que consideramos um erro tal localização. A proximidade das duas instituições, Escolas-Creche, vai «aleijá-las» uma à outra.

Segundo nos informou o Provedor, o Hospital tentou o terreno do Chalé que não foi aceite quer pela Junta, quer pela Câmara. Um terreno que era de Artur Sobral não vingou. Outro, pertencente ao Hospital, na R. Nova, não foi aprovado. Ainda se tentou o edifício D. Pedro V por troca com outros terrenos o que a respectiva Direcção não aceitou.

Restam-nos dúvidas se todas as hipóteses foram tentadas. Mas uma certeza temos: a projectada localização da Creche não se coaduna com as tais «vistas largas» que Fão pensa ter.

zense e tantas outras instituições da terra.

A partir da década de trinta, outra fonte de receita veio revitalizar as finanças locais. Referimo-nos ao turismo e de um modo especial à colónia balnear de Fão que todos os anos despeja na zona algumas centenas, se não alguns milhares de contos.

Já lembrámos aqui o papel muito preponderante da Família Sampaio e Castro como centro polarizador da colónia, já pela acolhedora recepção dada aos entrantes, já pela acção persuasora junto de algumas pessoas para que escolhessem a praia de Fão. Ora uma das pessoas «tocadas» por aquela

(Continua na pág. 3)

POSTAIS DA NOSSA TERRA

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Como é já do conhecimento geral, abalçou-se a Direcção da Nossa Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, presidida pelo seu Benemérito, senhor Abel da Costa, à aquisição do prédio anexo ao Quartel, para ampliação das suas já acanhadas e insuficientes instalações, gorada que viu a tentativa de adquirir a único terreno que, no perímetro da Vila, se reconhecia com as indispensáveis condições para a construção de um novo e moderno quartel.

Conforme tivemos o prazer de, há dias, ouvir ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, senhor Padre Avellino Pinheiro Borda, talvez o único fundador vivo, foi a Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão criada há 59 anos, em assembleia de pessoas gradas da tarre, reunida no Clube Fãoense, no dia 27 de Dezembro de 1925, ficando instalada nos baixos da então Estação Telégrafo-Postal, onde, ultimamente, funcionou a Pensão Guimarães, instalações essas, bem exíguas, pelo que, ainda não eram passados dois anos, se sentiu necessidade de transferi-las para local mais condigno.

Iniciadas diligências nesse sentido pela Direcção presidida pelo senhor Querubim Evangelista da Silva, conseguiu, este senhor, que os Fanguelros D. Belmira Augusta Vila Chã Soares e seu irmão José Joaquim Soares Estanislau cedessem, a título gracioso, um prédio de três pisos, que possuíam na Rua Direita, hoje Azevedo Coutinho, que, após as indispensáveis obras de adaptação, passou a albergar condignamente os nossos Bombeiros Voluntários.

O tempo, no entanto, foi passando e, com ele, foi evoluindo e sofisticando-se o material de combate, a utilizar, em especial quanto a viaturas. E foram estas que, dada a pouca largura da rua que não permitia uma rápida e correcta manobra de saída, que levaram, anos depois, a Direcção presidida pelo senhor Manuel Pinheiro Borda a sentir a necessidade de, novamente, transferir as instalações dos Bombeiros para local desafogado, onde aque-

las manobras fossem executadas sem dificuldade.

É, então, que os beneméritos Fanguelros, os irmãos Pires Carneiro, se prontificam a ceder, igualmente, a título gracioso, a própria casa, em que haviam nascido, sita no Largo do Cais, para que, demolida, fosse ali possível construir um novo Quartel, funcional e digno dos nossos Bombeiros, ainda hoje em serviço e que, na altura, era considerado como um dos melhores do País.

São passados, salvo erro, quinze anos, e o Quartel, embora ainda funcional, é já insuficiente para alojar, em condições ideais, todo o material de que a Corporação hoje dispõe — como é facilmente reconhecido

por quem lá vá verificar —, pelo que se torna necessário, ou um novo quartel, ou a ampliação do que existe. Goradas, como se disse, as diligências para a aquisição do único terreno que permitira a construção de um novo quartel, houve que optar pela ampliação das actuais instalações, para o que iniciou, a actual Direcção, diligências para a compra do prédio anexo, tendo encontrado o melhor acolhimento por parte da respectiva proprietária.

Estão estas diligências, segundo parece, a decorrer o melhor possível, mas isto porque o Presidente da Direcção, senhor Abel da Costa, se prontifica a emprestar à nossa Benemérita Associação, sem juros e sem prazo de amortização, mais de metade do capital indispensável. Bem haja quem assim proceder!

Há, porém, que pagar este empréstimo. Há, ainda, que pagar, no prazo de um ano, a restante parte, para que, também, não

(Continua na pág. 5)

DA MINHA VARANDA

(Continuado da pág. 6)

que nada tens afinal». Responde a outra:

— «Tenho aqui dentro do peito, a alma de Portugal!»

E depois os rapazes todos se desfaziam, em gestos firmes, decididos, relatando episódios da nossa História ou enaltecendo os feitos de Afonso Henriques, Nuno Álvares, etc., etc.

E nesse ano, houve a Nela que recitou tão bem:

«— Minha mãe, minha mãe!

Ai que saudade imensa, dos tempos em que eu ajoelhava, orando ao pé de ti.

Caía mansa a noite, e as andorinhas, aos pares,

cruzavam-se em torno dos nossos lares...»

E ela, ao recitar, chorou! E as lágrimas, vieram também aos olhos de toda a gente.

E seguia-se nova canção — «Ó Pri-ma-ve-ra flo-ri-da»...

No fim, e enquanto outro avançava para recitar, sentia-se um mexer, um abafar de passos — era um nosso colega, coitado, necessitado de ir lá dentro e que, cosido contra a parede, era seguido pelos olhares reprovadores dos nossos professores.

E depois, era a atribuição dos prémios! Ganharia, eu?

Dentro de tudo aquilo, havia uma coisa que me fazia confusão — era o prémio Portugal Marreca.

Que história era aquela? Portugal tão grande como eu aprendia, tão valente, tão querido, era Portugal marreca? Não, o meu Portugal, esse, nunca poderia ser marreca!

E lá chamavam, também, pelo meu nome e ia eu, de coração a saltar receber o prémio das mãos de um dos convidados.

E outros nomes se seguiam.

Finalmente, satisfeitos, felizes, vermelhos do calor, entoávamos de novo, e com mais fervor, o Hino Nacional.

Era o fim da nossa festa!

Quem a poderá olvidar?

ZINHA

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA

LENTES:

UNIFOCAIS - BIFOCAIS - PROGRESSIVAS - CONTACTO

TUDO PARA OS SEUS OLHOS

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-16 - 4700 BRAGA - TELEF. 75777



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO AO SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO

José Soares Madureira

(Continuado da pág. 1)

benquista família foi o Zé Madureira que convidado para passar em Fão um fim de semana, já por aqui se «aguenta» há mais de quarenta anos. José Soares Madureira, jovem insinuate da boémia tripeira, cantor do Portuense Rádio Club, desportista eclético, veio para ficar.

Porquê o seu perfil neste jornal, se nem é de Fão?

Se bem se lembram, temos distinguido nesta coluna aquelas pessoas que se destacaram ou se destacam na vida local, quer pelo seu carisma, quer pela sua popularidade, quer pela forma *sui generis* de estar na vida, quer também pelos serviços prestados a bem da terra. Ora o Zé é um banhista miscigenado. Foi aquele veraneante que aqui comprou casa, jazigo também e adoptou esta terra como sua. Vive os problemas locais, conhece todas as pessoas, gosta disto como ninguém. Mas só isso?

Vejamos: Durante décadas foi o animador por excelência da colónia balnear. Até há pouco desempenhou funções destacadas na Direcção do Grupo dos Amigos de Fão com plena consciência dos objectivos que uma instituição desta natureza deve perseguir, não esquecendo nunca de ligar a colónia ao meio e a terra à colónia, procurando sempre através do Grupo prestigiar Fão e beneficiar os seus habitantes. Estamos a recordar o seu papel num célebre cortejo de oferendas promovido pela colónia a favor do Hospital; uma heróica «revista» levada à cena pelos veraneantes em benefício das instituições locais; as gincanas no «campinho», os concursos de pesca, os jogos de basquetebol onde a colónia, integrando meio Aca-

démico (Zé Emílio, Rui Leal, Eurico e Júlio Monteiro), levava de vencida todos os seus opositores. Nem a equipa de Viana escapava. Zé Madureira durante algumas décadas esteve em todas, ao serviço da colónia e, podemos dizê-lo, ao serviço de Fão.

Conheceu ainda na nossa terra aquela que viria a ser sua esposa, a Carlota Nobre, através de uma odisseia de cinco anos, escamoteando um namoro evidente das iras de um pai, o velho Germano, que se furibundava todo quando algum atrevido ousava arrastar a asa junto de uma das suas filhas. O Pádua Ramos só com um binóculo conseguia ver a sua bem amada: a Nita. O Zé, esse, sócio das patusca-

das com o futuro sogro, arranjava sempre maneira de estar com a sua Dulcineia, quer através de uma serenata, quer trocando olhares em «Álvaro» que só um e outro entendiam. Por mais de uma vez, muitas vezes, o Zé, quase surpreendido pelo Germano a dançar com a namorada no velho Club Fãoense teve que lançar o alarme: «segurem-me aqui na Carlota» e corria a lançar-se nos braços de outra amiga cujo par logo se ocupava da triste desamparada. Enfim, peripécias de um enamorado.

Trata-se sem dúvida de um amigo de Fão, mas, mais do que isso: de um fazedor de amigos da nossa terra, de um entusiasta propagandista que nós hoje e aqui destacamos num jornal que, sendo pequeno, não tem a memória curta.

ARMANDO SARAIVA

Todo Esposende chorou o João Pedro

Foi uma fria madrugada de Outono, fria como a morte que vitimou o João Pedro. Sem dó nem piedade, arrancou pela raiz a árvore florida e tenra, em prenúncio de colheita rica.

De um só golpe, a fatalidade destruiu a revoada de sonhos que se abriam para a realidade da vida e que enchiam o coração dos pais.

— «O meu menino!» — exclamava o pai, olhando o corpo adulto com coração de criança, que disfarçava as dores na cama do Hospital. E nem toda a imensa solidariedade que de todos os lados convergiu para o seu quarto de doente pôde evitar o funesto desenlace.

Ful seu professor; era o melhor aluno da turma. Inteligência muito viva, intuitiva, aliava-lhe uma calma e ponderação notáveis para a idade. Quando feita a pergunta

ou proposta a questão, o João Pedro levantava o dedo para responder, já sabia que todo o processo de resposta estava elaborado. De mãos dadas, com certa timidez, morava uma vontade forte de vencer.

Este modo de estar não era só nas aulas. Vi-o várias vezes nos juvenis. Queria saber se ele punha ao serviço do jogo a inteligência que lhe conhecia. É que futebol não é só habilidade: é essencialmente inteligência ao serviço das aptidões físicas e psicológicas. Fiquei encantado, mas não admirado, pois conhecia bem o João Pedro.

Ele, porém, não se impunha só pela inteligência, mas por todas as suas atitudes e educação, que revelava nas mais variadas situações: uma saudação, uma descida do passelo a ceder passagem aos mais velhos ou às senhoras, o cumprimento a um colega, uma desculpa, um sorriso, faziam parte do quotidiano desse simpático rapaz.

Bebia na família tal educação, purificou-a como ouro no crivo da sociedade. A educação vivia nele como as folhas nas árvores ou a água nas fontes. Ninguém o imaginava de outro modo.

Não foi, pois, de estranhar que os dias 28 e 29 de Novembro fossem uma peregrinação contínua a caminho da Matriz de Esposende: todos os caminhos lá iam ter.

Vinham muitos, presos por laços de amizade aos pais, mas vinham muitos mais pelo filho, cruelmente roubado à vida na fria madrugada outonal.

Foi impressionante a manifestação de tristeza, dia e noite, fora e dentro das paredes caladas da Matriz! As lágrimas saltavam e corriam espontâneas dos olhos vermelhos de velhos e novos, irmanados no mesmo sentir de pesar e revolta. Sussurravam-se perguntas, sussurravam-se respostas. O resto era o silêncio denso que descia das abóbadas sombrias.

(Continua na pág. 4)

O Mundo em que vivemos

A CHAGA VIVA

É uma menina. Tem cerca de quatro anos. Veio no «Jornal de Notícias» e trouxe fotografia. Um rosto miudinho, dois olhos dóceis e tristes, um dos brancos nus ostentando uma longa e arripiante chaga, em carne viva.

Segundo a notícia, tratar-se-ia de uma queimadura, arranhada propositada e sistematicamente para impedir a cicatrização e servir de incentivo à caridade pública, ante a qual a criança é diariamente colocada.

Sentimos um calafrio ao imaginar o sacrifício doloroso, cruel como um rito bárbaro, a que a infeliz menina é submetida. É uma condenação sem apelo, que gela pelo seu horror.

Pobre bracito nu, impressionante-

mente ferido, que jamais conheceu o terno jeito de embalar uma boneca! Pobre e minúsculo regaço, onde tilintam as moedas, mas que desconhece a doçura de aconchegar a si um ursinho de peluche!

Perante situações como esta, a indignação e a repulsa — e também a piedade — ficam para além de todas as palavras. Deixaremos aqui apenas as do Poeta Augusto Gil, na tão conhecida, usada e repetida, mas terrivelmente actual, interrogação:

«Mas as crianças, Senhor,
Porque lhes dais tanta dor?
Porque padecem assim?»

E. REAL

ROTÁRIOS: A visita do Governador ao Clube de Esposende

Na penúltima sexta-feira, dia 23 de Novembro, o Rotary Club de Esposende esteve em festa. Era a visita do Governador. Por esta designação entende-se a pessoa que ocupa o mais alto cargo na hierarquia rotária de cada distrito. Por sua vez o distrito é constituído pelo conjunto de agremiações pertencentes a uma mesma área. Em Portugal existem dois: o Distrito 196 e o Distrito 197 a que Esposende pertence e que vai do Minho a Coimbra.

O que vem um Governador fazer a um clube? Logicamente vem visitá-lo, como o faz a todos os rotários da sua jurisdição. Nestas visitas procura inteirar-se da vida dos clubes estimula as actividades em curso, sugere pistas de actuação e também crítica e corrige aquilo que lhe pode parecer incorrecto.

O dr. Rui Sequeira no jantar que se realizou em sua honra no Hotel do Pinhal e que se chamou por isso «Jantar do Governador», abordou na sua mensagem problemas da juventude, falou da mulher em Rotary e sobretudo (para nós foi essa a tónica) informou-se oficialmente do projecto de uma casa que os rotários do concelho pensam oferecer a uma família pobre e numerosa de Curvos. Quando referimos que o Governador tomou conhecimento *oficial*, queremos significar que aquela associação de Esposende não pode mais parar com o projecto que traz em mãos. Aliás o contrário, isto é, abandonar tal ideia, seria o demoronar de toda uma cadeia de ofertas que foram já postas à disposição do Clube, *maxime* a oferta

do terreno feita pela família Azevedo Lima, de Curvos. Tem a palavra o actual Presidente, dr. Agostinho Reis, certo de que quando uma agremiação rotária não tem projectos em carteira bem pode fechar as portas.

De resto a reunião decorreu com um entusiasmo invulgar. Estiveram presentes associados de Barcelos, clube padrinho, isto é, clube fundador, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Matosinhos, Fafe e Viana do Castelo, num total de 120 pessoas, o que traduz o muito prestígio que o grupo de Esposende disfruta entre os seus pares.

Fizeram-se as saudações do costume e houve como sempre o ensejo de rever amigos (cada rotário é um amigo) e por isso mesmo aquele encontro foi uma verdadeira confraternização. Confraternização que não pode esgotar o ideal de rotary. A amizade é sempre um meio, um elemento aglutinador de boas vontades para que algo seja feito a favor da comunidade. A amizade aqui é só o carburante que põe em marcha a vontade de servir.

Ah! Esqueçiamo-nos de dizer que nesse mesmo dia se comemoraram os aniversários dos drs. Horácio Lage, Juvenal Silva e Agostinho Reis. Corolariamente houve o aumento de uns decibéis de colesterol, dada a ementa da 2.ª parte da sessão. Nela se distinguiu um jovem cantor, o empresário José Rosas, que deliciou os assistentes com algumas canções que deixaram surpresos os seus amigos e puseram o Conjunto Aguarela «à banda». Parabéns.

Todo Esposende chorou o João Pedro

(Continuado da pág. 3)

No dia 29, manhã cedo, a Igreja Matriz ia-se enchendo pouco a pouco, as ruas ganhavam movimento, primeiro pequenos grupos, depois mais numerosos e por fim, um «mar», ao começo da Missa.

Impressionante manifestação por alma daquele que deixa em todos uma recordação.

Foi grandioso o acompanhamento à sua terra natal: centenas e centenas de carros cobriam quilómetros de estrada a caminho da Lixa. Toda a gente quis ir, com carro ou sem ele. Havia sempre lugar para mais um. Era o João Pedro que a todos arrastava e todos queriam dizer-lhe o último adeus.

Também eu fui, João Pedro, não pude ficar em casa. Queria ver a tua última morada, saber onde ficavas. Fixei bem o local.

E sempre que passar na Lixa, subirei ao Cemitério, irei até junto da Capela, do lado direito, para te reafirmar que um adeus nem sempre é despedida!...

A. REIS

Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão

Assembleia Geral

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do disposto nos artigos 22.º e 24.º e seu § único, dos Estatutos desta Benemérita Associação, usando da competência conferida pelo n.º 1, do artigo 28.º, dos mesmos Estatutos, CONVOCO os Ex.mos Associados para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 28 de Dezembro de 1984, no Salão Nobre da nossa Associação, pelas 21.00 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- I — Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1985;
- II — Discutir e votar quaisquer assuntos de interesse para a Associação, apresentado por qualquer associado.

Se à hora marcada não houver número legal de Associados presentes, para que a Assembleia Geral possa funcionar, esta realizar-se-á uma hora depois, com qualquer número de presenças.

Fão, 5 de Dezembro de 1984

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Padre Avelino Pinheiro Borda

VENDE-SE

TERRENO C/ DOIS ARTIGOS
NAS PEDRINHAS

OFIR — FÃO (TELEF. 962459)

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

FAÇA COMPRAS NA SUA TERRA

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Bagoeira, que uma vez não são vezes.

Ora desses tempos heróicos para cá a vida modificou-se muito, o comércio aumentou e foi preocupação das terras tornarem-se auto-suficientes no que ao consumo diz respeito. Surgiram assim os mini-mercados, casas de electro-domésticos e outros estabelecimentos que passaram a vender aquilo que até então era apanágio exclusivo das cidades e doutros centros mais importantes.

O hábito no entanto é uma segunda pessoa e as compras fora da terra estavam demasiado arrefecidas para que terminassem de um dia para o outro. Há como que uma inércia social, as pessoas habituaram-se e depois gerou-se a convicção de que as coisas fora da terra se vendem mais barato, e por mais isto e por mais aquilo, as compras no exterior continuaram a verificar-se com grande desespero dos comerciantes locais.

É verdade, os grandes prejudicados são estes comerciantes que não podem nunca alcançar-se ao comércio de grande gabarito, em grande parte por culpa própria como acima denunciámos. Aos fangueiros falta engenho, argúcia e audácia para os grandes negócios, pois qualquer zona pode ser boa para a mercancia. O importante é saber mercadejar. Não esqueçamos que ainda muito recentemente o proprietário de um restaurante de Fão vendeu as «chaves» da sobredita casa de «comes e bebes» pela módica quantia de setenta e cinco mil contos. Vejam lá: em menos de três anos um individuo que não era fangueiro soube ganhar tão elevada importância, para além dos lucros auferidos com a exploração directa do estabelecimento.

Não se nega, porém, o contributo dado pelos fangueiros consumidores aos estabelecimentos da sua terra. Em muitos casos ele é fundamental. Se os fangueiros pretendem uma terra engrandecida, como o apregoam aos quatro ventos, essa valorização passa pelo engrandecimento das suas casas comerciais. É certo que a importância de uma terra não se

esgota no seu comércio e na sua indústria, mas o seu peso reside aí surgindo tudo o mais por acréscimo e arrastamento.

Será então um acto de bairrismo efectuar as compras na terra? Será pelo menos um acto de solidariedade social que deve unir sempre todos os membros do bairro, o que redundará em benefício de todos, quer da terra, quer dos próprios habitantes.

À Menina da Bica (Caldelas)

Com sua bata de branca côr,
Sempre de pé, junto ao balcão,
Distribuindo com fé e amor,
Água da Bica, aos que lá vão.

Por lá passaram tantos e tantos,
All 'stá ela desde menina,
Vêm de longe, dos quatro cantos,
Já a conhecem: — É a Angelina.

Na sua mente vai desfilando,
Toda essa gente que lá passou,
E muitas vezes vai recordando,
Quem esperava, mas não chegou.

.....
Lá para o ano, se eu voltar,
Espero vê-la junto ao balcão,
Toda sorrisos e sempre a dar,
Água da Bica, copo na mão.

Caldelas, Set.º 1984

F. M. A.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Dr. Alceu Vinha dos Santos
Quim Muata
A. Reis

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

Postais da Nossa Terra

(Continuado da pág. 2)

vença juros. Há, finalmente, que executar as necessárias obras de adaptação do prédio ao fim em vista. Tudo isto é, sem dúvida, um pesado encargo que a actual Direcção toma em seus ombros, tendo em conta que, ainda este ano, teve que arranjar para cima de dois milhares de contos, para pagar o Pronto-Socorro (carro de neveiro), aquisição essa que, julgamos, bem justificada ficou, quando do recente incêndio na casa do senhor Durães.

Espera-se, por isso, que as populações, quer da nossa terra, quer das terras vizinhas, que tão generosas se mostraram quando do peditário para aquela viatura, não se neguem, mais uma vez, a ajudar os seus Bombeiros na necessária e indispensável ampliação das suas instalações, possibilitando-lhes uma melhor e mais eficiente

actuação, na prestação de socorro às suas pessoas e aos seus bens.

Sem prcuração da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, aqui fica este apelo. Esperamos que não caia em saco roto!

QUIM MUATA

N. R. — A casa dos Bombeiros referida no artigo já foi comprada por 3.500 contos.

Num dos baixos do referido edifício foi construído um gigantesco presépio, pelos irmãos Matias, várias vezes premiado em Lisboa.

Integrado nas Festas de Natal dos Bombeiros haverá um concurso de desenho, tendo por tema «O Natal dos Bombeiros visto pelas crianças» a nível concelhio.

No dia 22, à noite, no salão nobre, vai realizar-se uma noite de consoadá para os bombeiros, corpos gerentes e respectivas esposas; no dia 23 haverá cinema grátis para todas as crianças da freguesia, jogos e diversões.

Entre o pinhal e o mar, frente ao estuário do Cávado, em Ofir. Aproveite para conhecer o Minho, a beleza das suas paisagens, os costumes ancestrais e hospitaleiros do seu povo, desfrutando do ambiente calmo e confortável do Hotel do Pinhal.

Local ideal para os que, em viagem, desejam uma noite repousada.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Preços especiais Outono/Inverno

Por dia e por pessoa, em alojamento e pequeno almoço, 1.250\$00

Fins de semana de Outono, por pessoa, 2.950\$00

inclui:

sábado — jantar dançante c/conjunto na boite e alojamento

domingo — pequeno almoço e almoço buffet no grill panorâmico

Crianças até 12 anos — 50% desconto

Salões equipados para Congressos até 500 pessoas, sem aumento de preço

Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

Depois de ter comemorado há dias a efeméride de o 1.º de Dezembro, eu recordo com carinho, os meus tempos de escola e «a nossa festa» nesse dia.

Uns dias antes tudo andava numa fona, a sala era muito bem esfregada para receber as visitas, o ensaio geral, as recomendações da praxe: — tudo muito em ordem, cabelos cortados, todos bem lavados, ninguém descalço. E então, os barbeiros não tinham mãos a medir e tudo saía de lá, de cabelos lambidos, risca muito certa, um cheirinho na cabeça e, alguns, ainda levavam ao outro dia o pescoço, atrás, todo caiado, de pó de talco que os barbeiros aplicavam e que por certo fazia parte final dos trabalhos.

Nem se dormia naquela noite! Eu toda a noite recitava, não fosse enganar-me no dia seguinte. Além de tudo havia sempre qualquer coisa para estrear! Recordo-me, no último ano de um vestido de fazenda, branco sujo, esbura-



por ZINHA

cadinho e onde a minha mãe bordou, a ponto de cruz, uns motivos. Estava bonita! Os sapatos não eram novos (quando havia uma coisa, não podia haver outra), mas a graxa tapou as esfarrapadelas e, puxado o lustro, até se apresentavam muito bem.

Entrados na sala, mudos, assistíamos à chegada dos convidados e seguíamos religiosamente todos

os detalhes: os cumprimentos, a atribuição dos lugares, as felicitações e os olhares carinhosos para nós, afinal, os actores.

Tudo de pé, em sentido, ia-se cantar o Hino Nacional!

E depois o discurso do Senhor Professor, lembrando esse punhado de fidalgos portugueses, que restaurou a nossa independência e o português traidor Miguel de Vasconcelos, etc., etc. Nós, tudo ouviamos, com respeito, com interesse e com tal ardor que, eu tenho a certeza, naquela mesma altura, se fosse preciso, todos sairíamos pela Pátria, a lutar, contra os canhões!

E depois seguia-se uma canção e mais outra e mais a Marcha do Lusito. E cá dentro, dentro de nós tudo fervia, e o desejo de sermos grandes «pró nosso dever cumprir»!

Mas, era a hora dos recitativos: coisas tão lindas, tão tocantes.

— «Sou mais rica do que tu,

(Continua na pág. 2)

Um dos temas previstos para um próximo concurso «Um, Dois, Três» da responsabilidade de Carlos Cruz, será a poluição. Está previsto também que o sorteio por envio de boletins, será substituído por convite aos Presidentes das Câmaras das terras banhadas pelos rios poluídos. O responsável pelo concurso

E dos outros dois qual é que rejeita?

P. E. — Nas areias é capaz de estar o automóvel, mas nas indústrias está concerta o apartamento. Como alguns colegas meus já rejeitaram as areias porque o Governo proibiu a extracção, daí já não devem vir grandes prémios. Rejeito as areias.

balho e embora nada, mas mesmo nada, tenha a ver uma coisa com a outra, o que conta é o apoio eleitoral.

Perde, no entanto, o apoio dos pescadores de lampreia que assim vêem reduzida a possibilidade de contribuírem com algum, para o sustento das respectivas famílias. Perde o apoio dos amantes do rio que assim ganharão potenciais doenças de pele quando nele se banharem. Perde o apoio dos lavradores que deitarão as mãos à cabeça quando virem que a água que tirarem dos poços, está carregada de sal. É que a água utilizada para a laboração das tinturarias, é extraída por furos profundos do solo e devido à proximidade do mar, tornará os terrenos salinizados. E perde um comboio, o comboio daqueles que querem impôr às indústrias sistemas de tratamento de águas, como o sr. Presidente da Câmara de Barcelos, o sr. Governador Civil, o sr. Ministro da Qualidade de Vida, os Rotários e de todos os Fangueiros que se preocupam com a sua terra e que já reservaram uma caruagem no dito trém.

Srs. espectadores até para a semana em mais um concurso de «Um, Dois, Três».

JOSÉ AUGUSTO MADUREIRA

CONCURSO 1, 2, 3...

pensa começar aqui pelo Norte. Estava previsto começar pelo rio Ave mas, como a situação ali é já catastrófica e já não há grandes prémios, Carlos Cruz só poderia oferecer a Bota Botilde. Por isso, o organizador, crê-se, irá optar pelo Cávado em primeiro lugar, o «prefeito» de Esposende. Assim teremos concerteza uma sessão deste género:

C. Cruz — Sr. Presidente, tenho em cima da mesa três coisas: indústrias poluidoras, turismo e extracção de areias, qual é que rejeita?

P. Esp. — É difícil, pois não sei em qual delas me poderá sair o apartamento.

C. C. — Se escolher o turismo, terá concerteza a fortuna de ter muitos amigos por parte do público.

P. E. — Mas pode-me sair a Bota Botilde (ameaçã de desemprego das indústrias). Rejeito o turismo. A maior parte do público quando quer turismo vais para o Algarve.

Público — Uhl Fora!

C. C. — Pede-se ao público para não se manifestar. Está então rejeitado o turismo. Acaba de perder muito dinheiro trazido, para esta zona por ve-raneantes.

C. C. — Acaba de perder o apoio de grandes sectores da construção civil mas, em compensação, ganha a amizade dos lavradores que já não vêem os seus campos de cultura inundados pela transformação operada no leito dos rios, pois essas extracções não eram feitas segundo as técnicas legais.

Público — Palmas!

C. C. — Ficam então as indústrias poluentes.

P. E. — Sim. Mas como sou magnânimo e não quero o prémio para Esposende, enviá-las-ei para os lados de Fão.

C. C. — Assim acaba de ganhar, o apoio de vários industriais e as promessas de manutenção dos postos de tra-

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FAO